



Do quadrinho à enunciação: análise do percurso gerativo de sentido em uma charge que problematiza a saúde pública

From the small square to the enunciation: analysis of the generative path of meaning in a cartoon that problematizes public health

Del recuadro a la enunciación: análisis del recorrido generativo de sentido en una caricatura que cuestiona la salud pública

DOI: 10.55905/revconv.18n.4-166

Originals received: 3/11/2025

Acceptance for publication: 4/1/2025

Antonio Kéllisson Gondim da Silva

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Endereço: Porto Velho – Rondônia, Brasil

E-mail: prof.kgondim@outlook.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2076-246X>

RESUMO

Diante da variedade de textos que, na sociedade hodierna, veiculam incorporando diferentes linguagens em distintas mídias, a abordagem semiótica pode orientar análises para além da expressão verbal ou linguística, oferecendo aporte teórico-metodológico pertinente à construção dos significados em texto sincrético tomado como unidade de sentido. Nessa perspectiva, ao se eleger como objeto de estudo um texto específico engendrado no gênero charge, este artigo adota como objetivo prioritário investigar como os sentidos do texto chárstico são construídos, considerando o seu potencial educativo de conscientização social. Para tanto, busca-se desvendar os sentidos imanentes na charge-objeto à luz da Semiótica Discursiva, de linha francesa, analisando o Percurso Gerativo de Sentido em seus três patamares: o Fundamental, o Narrativo e o Discursivo. O texto chárstico selecionado foi produzido no contexto da pandemia ocasionada pela proliferação do coronavírus, tendo circulado inicialmente em 2020, por meio de uma mídia de jornal *on-line* brasileiro de alto alcance do público nacional. Ancorando-se no discurso da Saúde Pública, o texto-base instaura uma reflexão crítica a respeito da necessidade de não se esquecer dos antigos problemas de saúde pública, como é o caso da epidemia da dengue, em detrimento de novas ameaças, a exemplo do que fora a pandemia da Covid-19. Trata-se de um objeto que oferece um *corpus* latente à análise semiótico-discursiva, possibilitando que o presente artigo ofereça uma contribuição significativa na compreensão de um texto sincrético à luz da Semiótica de linha francesa.

Palavras-chave: semiótica discursiva, texto, charge, percurso gerativo de sentido, discurso.

ABSTRACT

In light of a wide array of texts, which, in modern society, are published encompassing different languages from diverse media, the semiotic approach might guide analyses beyond verbal or



linguistic expression, providing a theoretical-methodological framework that walks hand in hand with meaning construction in syncretic texts taken as units of meaning. From this perspective, the present paper presents a specific text in the cartoon genre as its object of study, holding an investigation of the construction of cartoons as its main goal, taking into account the social awareness educational potential of such texts. To this end, the aim is to uncover the immanent meanings of the cartoon-object in the light of French Discursive Semiotics, analyzing the Generative Path of Meaning in its three levels: the Fundamental, the Narrative and the Discursive. The selected text was produced in the pandemic caused by the proliferation of coronavirus, and was initially circulated in 2020, through a Brazilian online newspaper with high reach among the public countrywide. Anchored in the discourse of Public Health, the basic text instigates a critical reflection on the need not to forget the old public health problems, such as the dengue epidemic, to the detriment of new threats, such as the Covid-19 pandemic. This is an object that offers a latent corpus for semiotic-discursive analysis, leaving room for this article to make a significant contribution to understanding a syncretic text in the light of French Semiotics.

Keywords: discursive semiotics, text, cartoon, generative path of meaning, discourse.

RESUMEN

Ante la variedad de textos que, en la sociedad hodierna, se difunden incorporando diferentes lenguajes en diversos formatos mediáticos, el enfoque semiótico puede orientar un análisis más allá de la expresión verbal o lingüística, ofreciendo un aporte teórico-metodológico pertinente para la construcción de significados en texto sincrético, entendido como unidad de sentido. Desde esta perspectiva, al seleccionarse como objeto de estudio cierto texto desarrollado dentro del género de la caricatura, este artículo asume como objetivo principal investigar cómo se construyen los sentidos del texto caricaturesco, considerando su potencial educativo de concientización social. Para ello, se busca revelar los sentidos inmanentes en la caricatura-objeto a la luz de la Semiótica Discursiva de la línea francesa, analizando el Recorrido Generativo de Sentido en sus tres niveles: el Fundamental, el Narrativo y el Discursivo. El texto caricaturesco seleccionado fue producido en el contexto pandémico causado por la proliferación del coronavirus, y circulado inicialmente en 2020, a través de un periódico digital brasileño de gran alcance nacional. Apoyado en el discurso de la Salud Pública, el texto-base inaugura una reflexión crítica sobre la necesidad de no olvidar los antiguos problemas de salud pública, como es el caso de la epidemia de dengue, a expensas de nuevas amenazas, como fue la pandemia del Covid-19. Se trata de un objeto que ofrece un corpus adecuado para el análisis semiótico-discursivo, permitiendo que este artículo ofrezca una contribución significativa en la comprensión de un texto sincrético a la luz de la Semiótica de la línea francesa.

Palabras clave: semiótica discursiva, texto, caricatura, , recorrido generativo de sentido, discurso.

1 INTRODUÇÃO

Variadas são as formas de expressão para se produzir textos de ampla circulação na sociedade multimidiática, seja com intuito de entreter, seja a fim de impactar com discursos



persuasivos. Contudo, deve-se atribuir a toda manifestação textual uma intencionalidade de convencimento proposital. Isso demanda estratégias de um destinatário que seja capaz de desvendar o que os textos dizem e como eles fazem para dizer o que dizem.

Partindo dessa perspectiva semiótica, este artigo elege como objeto de estudo um texto engendrado no gênero charge, considerando sua tendência temática de problematizar situações de domínio público, contemporâneas do chargista e situadas em determinado contexto sócio-histórico. Sob esse viés, a charge selecionada adquire, por si só, um caráter educativo, isto é, conscientizador para um público-destinatário que necessita de ser estimulado a refletir criticamente sobre a sociedade em que vive, bem como acerca de sua atitude cidadã sobre ela.

Diante do potencial crítico e conscientizador do texto elegido, como também da sua estrutura sincrética, este artigo orienta-se a partir da seguinte pergunta: como se constroem os sentidos do texto chágico à luz da Semiótica Discursiva? A partir dessa questão norteadora, o objetivo deste estudo consiste em investigar como se constroem os sentidos do texto chágico à luz da Semiótica Discursiva. Para a consecução de tal proposta, guiamo-nos ancorados nos seguintes objetivos específicos: i) compreender o texto chágico à luz da Semiótica Discursiva; ii) analisar o Percurso Gerativo de Sentido na charge-objeto; para isso, busca-se: iii) categorizar os sentidos do texto-base através do aporte teórico-metodológico greimasiano¹ em três patamares: o Fundamental, o Narrativo e o Discursivo.

Para tanto, a charge-objeto será concebida enquanto unidade de sentido, definindo-se em duas dimensões: a do conteúdo e a da expressão. Em função de suas características peculiares, tomaremos o texto selecionado como texto único, irrepitível, sob uma perspectiva semiótico-discursiva, já que, em comparação com outras charges, o sincretismo não raramente varia.

O texto-base a ser analisado caracteriza-se, *a priori*, por produzir um discurso inserido no domínio da Saúde Pública. Ele foi produzido em 2020, por um brasileiro sul-matogrossense e veiculou a partir de 05 de outubro do referido ano, inicialmente em jornal *on-line* de amplo alcance no Brasil. Em função de seus elementos de significação e de comunicação ou históricos pertinentes à leitura crítica, oferecemos, mais adiante, um exercício de análise com base na

¹ Referimo-nos aos estudos do semioticista lituano Algirdas Julien Greimas (1917-1992), alertando que este artigo baseia-se em recorte teórico-metodológico atinente ao Percurso Gerativo de Sentido, embasado pelo estudioso e seus adeptos. Entretanto, deve-se ter a compreensão de que a Semiótica Discursiva vai muito além do recorte aqui apresentado, recebendo contribuições significativas de vários pesquisadores de distintas nacionalidades até os tempos hodiernos.



Semiótica Discursiva, de linha francesa, podendo suscitar novas e futuras análises com outros vieses semióticos, linguísticos ou discursivos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS ACERCA DA CHARGE

Etimologicamente, o termo “charge” advém do francês *charger*, sendo a França seu país de origem, e significa algo como: carga, peso ou ônus. Consoante Matias e Maia (2014, p. 1013), “charge” significa “atacar violentamente”, cuja referência se faz a uma “arte do exagero” ou do “ataque violento”, remontando “à carga de cavalaria”. Partindo desse viés etimológico, Cardoso (2018, n.p.) observa que a charge possui uma força enquanto “veículo de informação e opinião”.

Romualdo (2000) define a charge como um gênero jornalístico, que explora uma opinião, um efeito satírico, valendo-se também do humor. Cardoso (2018, n.p.) também inclui a charge no domínio ou esfera jornalística, cuja intenção do chargista-destinador seria retratar “fatos e situações do domínio cultural, esportivo, político etc., contemporâneos de um determinado público situado, por sua vez, em determinado contexto sócio-histórico”. Assim, uma charge intenciona “apresentar criticamente um problema, um fato ou um acontecimento que possa interessar à sociedade na qual se insere” (Matias; Maia, 2014, p. 1019).

Não raramente, identifica-se, em algumas publicações, certa confusão no tratamento dos gêneros charge, cartum e caricatura. Nesse sentido, Cardoso (2018, n.p.) traça uma breve distinção entre esses três gêneros. De acordo com a pesquisadora, a charge é marcada por se ancorar “em um fato específico, contemporâneo do chargista”, tornando-se desafiadora para leitores de outras épocas. Já o cartum constitui-se de uma temática “atemporal e universal”, enquanto a caricatura “se prende a determinada personalidade conhecida em dado contexto”.

Lidamos, no presente estudo, com um gênero que se materializa em um único quadrinho ou espaço de leitura. No entanto, Matias e Maia (2014, p. 1020) chamam nossa atenção para “casos em que o chargista divide o espaço em duas ou mais imagens para sequenciar um conjunto de ações”. Depreende-se que aquilo que as autoras tratam como imagens inseridas em um único



quadrinho constituem um conjunto de elementos tanto imagético quanto verbais capazes de representar diferentes cenas em um mesmo quadrinho².

Complementando essa visão cênica da charge, no estudo de Nery (2001, *on-line*), confirma-se que a charge é concebida como narrativa, engendrada na criação de uma cena. Na concepção da estudiosa, trata-se de um “relato gráfico de humor”, concebido enquanto “narrativa eloquente, cujo êxito depende da eficiência com que captura a atenção do leitor-espectador”.

Diante dessa concepção, a charge extrapola a denominação de quadrinho. Ela vai do quadrinho à(s) cena(s) e da(s) cena(s) à enunciação, construindo-se através dos movimentos visuais do leitor-destinatário, ou do analista que a observa com maior profundidade. O cuidado com o uso de traços e a ilustração de gestos e movimento, segundo Nery (2001, *on-line*), imprimiram na charge uma agilidade na expressão dos conteúdos. Assim, a leitura de um texto desse gênero demandaria um leitor ágil no raciocínio, que compreende a mensagem rapidamente.

Matias e Maia (2014, p. 1024) ajudam-nos a compreender que, em uma charge, “o leitor é encarregado de relacionar a temática abordada ao fato que a originou e deduzir o motivo da crítica”. Essa é, segundo as autoras, a condição para que o entendimento do texto se efetive, caso contrário, o leitor se distanciará da “real proposta do enunciador”.

Desse modo, a charge institui uma relação primordial com o público-leitor, sendo este responsável por decifrar não apenas o que é dito, mas também o que não é dito e pode ser subentendido através dos aspectos contextuais e intertextuais projetados no texto. Sobre essa relação de produção de sentido na charge, Matias e Maia (2014, p. 1019) salientam que esse gênero costuma ser “antagônico, intensifica seu traço e expõe sua verdade para que o leitor construa sentido nas representações das ações do sujeito real de um personagem diferente dele, mas que com ele se identifica”³.

As estudiosas supracitadas entendem que a charge estrategicamente estimula o leitor a se posicionar, incitando-o a conscientização diante do tema abordado, isto é, estimulando-o “a assumir uma atitude crítica diante do texto” (Matias; Maia, 2014, p. 1021). Dito isso, o posicionamento do leitor-destinatário é inevitavelmente ativado, fazendo-o mobilizar seu

² Enfatizamos aqui que esse é um elemento estrutural característico da expressão no gênero charge e que colabora para a sua distinção em relação a outro gênero, a tirinha, cujo espaço de leitura divide-se em dois ou mais quadrinhos, que, em geral, reproduzem uma sequência lógica de acontecimentos com personagens fictícios.

³ O gênero retratado, segundo as autoras referenciadas, “estabelece uma relação discursiva entre o chargista e o leitor; e todas as informações presentes na charge apresentam relação intertextual e polifônica com outros textos, estes têm a função de fornecer informações colaboradoras para o entendimento do assunto tratado” (Matias; Maia, 2014, p. 1021).



conhecimento de mundo, de tal modo que as informações do texto são julgadas, por ele, como verdades ou não.

Por muito tempo, a charge dependeu apenas da mídia impressa para alcançar seu público-leitor. Contudo, percebe-se sua expansão em suportes digitais, sobretudo na *Internet*, em *sites* de jornais ou revistas, em *blogs*, redes sociais, entre outros suportes. Trata-se de um gênero que foi construído ao longo do tempo e que, na sua forma vigente, define-se “pela apropriação e reatualização constantes de diferentes linguagens: pictórica, literária e teatral” (Nery, 2001, *online*). Para Matias e Maia (2014), a charge faz uso dos sistemas verbal e não verbal, utilizando poucos elementos verbais, ou até nenhum.

Diante dessas considerações teóricas, reenfatizamos que a charge é um gênero aportado de uma espécie de narrativa bastante peculiar, com um relevante tom de persuasão. Configura-se em uma ou mais cenas no espaço de um único quadrinho. Essa cena só é possível a partir do olhar atento, rápido e, sobretudo, crítico do leitor-destinatário sobre os elementos verbais/linguísticos (quando houver) e não verbais, que se organizam em um único quadrinho ou espaço de leitura.

2.2 O TEXTO CHÁRGICO À LUZ DA SEMIÓTICA DISCURSIVA

Neste estudo, lançamo-nos ao desafio de entender o texto chárstico⁴ à luz da Semiótica Discursiva, de linha francesa. Para tanto, partimos do intuito de compreender esse texto em sua complexidade sintático-semântica. Neste caso, concebemos o texto chárstico enquanto narrativa potencialmente capaz de produzir uma ou mais cenas em um único espaço de leitura.

Assim como qualquer outro texto, a charge-objeto pode ser tomada como unidade de sentido, tal como, segundo Barros (2005), a Semiótica Greimasiana concebe o texto. Apesar de aparentemente simples, essa noção semiótica do texto enquanto unidade de sentido interpela-nos a compreender o texto chárstico em sua complexidade, mormente se partirmos da concepção dualista que define esse objeto semiótico.

Na perspectiva dualista, o texto chárstico pode ser concebido tanto como objeto de

⁴ Sob a avaliação de Portela e Schwartzmann (2012, p. 69), falar sobre gênero, à luz da Semiótica Greimasiana, é reconhecer que essa noção não encontrou eco entre os semioticistas contemporâneos. Consoante os estudiosos, “é difícil entender como e por que as teorias semióticas [...] minimizaram ou evitaram em suas reflexões, de modo mais ou menos sistemático, a problemática dos gêneros”. Por isso, neste artigo, trataremos a charge não como gênero, mas enquanto texto.



significação⁵ quanto como objeto de comunicação ou objeto histórico⁶ que inter-relacionam dois sujeitos: um destinador (o chargista) e um destinatário (o público-leitor). Entre outros semiotistas, quem nos elucida essa definição semiótica é Fiorin (1995) e Barros (2005), concebendo a primeira visão do texto como um todo de sentido, em que há procedimentos específicos que estruturam a sua singularidade significativa.

Por outro lado, o texto chárigo pode ser tratado enquanto objeto de comunicação ou histórico. Isso desperta a afirmação de que o gênero charge se materializa textual e discursivamente no texto chárigo, cujo contexto o situa no tempo (contemporâneo ao chargista-destinador) e no espaço (sociedade em que se insere). Ademais, não se pode desconsiderar que, em função de sua materialidade, o texto chárigo pressupõe uma força interpelativa associada a formações ideológicas ligadas a especificidades sócio-históricas.

Diante disso, se “o texto só existe quando concebido na dualidade que o define” (Barros, 2005, p. 12), então o texto chárigo deve ser analisado tanto em sua dimensão significativa quanto em sua dimensão comunicacional ou histórica. Logo, estudá-lo, descrevê-lo e analisá-lo, a partir da construção de seus sentidos, implica investigar seus mecanismos internos, como também os fatores contextuais ou sócio-históricos de produção e recepção.

Ao referenciar Hjelmslev, Barros (2005, p. 13) concorda que há uma dificuldade no campo da Semiótica em relação à elaboração de uma “teoria geral do texto”. Frente a isso, a proposta recomendada pela estudiosa é que sigamos “um primeiro passo para a análise, que se faça abstração das diferentes manifestações – visuais, gestuais, verbais ou sincréticas – e que se examine apenas seu plano de conteúdo”, sendo as especificidades da expressão, “na sua relação com o conteúdo”, analisadas posteriormente.

Sendo assim, para analisarmos o texto tomado como objeto deste estudo, procuraremos explicar a construção dos seus sentidos priorizando o seu plano de conteúdo. Para tal, conceberemos o seu plano de conteúdo sob a forma de um percurso gerativo (Barros, 2005; Fiorin, 2024[1989]). Desse modo, o Percurso Gerativo de Sentido (PGS) nos oferecerá três patamares para desvendarmos os sentidos do texto-objeto.

⁵ A essa primeira visão semiótica do texto, “tem-se atribuído o nome de **análise interna ou estrutural do texto**” (Barros, 2005, p. 12, grifo da autora).

⁶ A partir dessa segunda visão, pode-se proceder à denominada “**análise externa do texto**” (*Idem*).



2.3 DESCRIÇÃO DA CHARGE-OBJETO: PROBLEMATIZANDO A SAÚDE PÚBLICA

O texto elegido para a análise produz um discurso que se insere no domínio da Saúde Pública. Na sua composição, ele recorre a elementos sincréticos, com traços característicos da técnica gráfica do chargista brasileiro Milton César⁷. Essa constituição sincrética foi produzida não para separar os componentes que aparecem no texto, mas para conjugar os seus elementos em um todo de sentido, somando as duas materialidades e, como elucida Silveira (2018, p. 87), apontando “para um mesmo sentido”.

No caso desta pesquisa, recorre-se à charge enquanto texto sincrético, por meio do qual se ilustram duas cenas com elementos singulares e distintos, mas que convergem para uma mesma estratégia enunciativa. Apresentamos, a seguir, a charge-objeto em questão (Figura 1).

Figura 1. Texto chárstico elegido como objeto e *corpus* da análise



Fonte: <https://midiamax.uol.com.br/>

O texto apresentado na Figura 1 constitui objeto de análise deste artigo. Os sentidos da

⁷ Milton César é um chargista sul-matogrossense ainda atuante no cenário midiático brasileiro, uma vez que, pesquisando produções do artista, identificamos sua mais recente produção, datada de 28 de fevereiro deste ano (2025), cuja temática abordada aproveita a ocasião do Carnaval brasileiro, valendo-se de uma estratégia intertextual que faz referência a uma música de artista nacional, a fim de efetivar uma crítica ao cenário político de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Tal produção, assim como inúmeras outras de mesma autoria, são veiculadas no Jornal *MidiaMax*, no portal <https://midiamax.uol.com.br/>, através do menu “Política” > Charge. Como não tivemos acesso à versão impressa desse jornal, o suporte textual apreciado nesta pesquisa foi exatamente a versão *on-line* do *MidiaMax*, onde a charge-objeto deste estudo concorre com outros objetos de leitura, a saber: outros textos chársticos na mesma interface, manchetes de notícias localizadas na parte direita da tela, além de vários outros menus que dão acesso a outras informações inseridas em diferentes esferas da atividade humana, como: Política, Cotidiano (Consumidor, Economia, Esportes, Loterias), Emprego, Famosos (TV e Novela, Cinema, Música), entre outros.



charge emprestam, inicialmente, o contexto da pandemia⁸. A partir daí, efetivamos um caminho de leitura inicial: a identificação de elementos que constroem duas cenas. O olhar do leitor se volta, pois, para duas metades ou polaridades. Na polaridade direita, é produzida a primeira cena, a partir da qual o texto faz alusão à pandemia ocasionada pela proliferação do denominado novo coronavírus, que preocupou toda a população mundial, atingindo também o Brasil. Já na polaridade esquerda, a charge-objeto problematiza a epidemia da dengue, que desde o século XX preocupa a sociedade brasileira.

De acordo com o Ministério da Saúde (Brasil, s.d., *on-line*), a Covid-19 consiste em uma “infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2), potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global”. Com base no estudo de Cavalcante *et al.* (2020, p. 2), no contexto brasileiro, “os primeiros casos foram confirmados no mês de fevereiro, [...]. Em 3 de fevereiro de 2020, o país declarou Emergência Nacional (ESPIN), antes mesmo da confirmação do primeiro caso”⁹.

Antes da aplicação da primeira vacina, que se deu em 17 de janeiro¹⁰, as medidas de prevenção contra a Covid-19 baseavam-se no autocuidado e na higiene pessoal, a saber: higienizar as mãos com álcool-gel, usar máscara e manter o distanciamento físico em relação a outras pessoas. Em função disso, as mídias digitais tornaram-se palco principal de intensa veiculação de textos voltados à conscientização dos brasileiros frente ao novo coronavírus, mas também houve a propagação de bastante desinformação e *fake news*. Isso posto, diversos textos chárgicos circularam em jornais e revistas, impressas e *on-line*, bem como nas redes sociais, criticando atitudes na tentativa de conscientizar os cidadãos brasileiros.

Em relação à doença problematizada na polaridade esquerda do texto-base, o Ministério da Saúde esclarece que, no Brasil, a dengue é transmitida por vetor fêmea do mosquito *Aedes aegypti*, que significa “odioso do Egito”. No território brasileiro, a primeira ocorrência epidêmica dessa doença se deu em 1981 e 1982, em Boa Vista, Roraima. O cenário favorável à proliferação

⁸ O termo “pandemia”, salientam Matta e colaboradores (2021, p. 15), “designa uma tendência epidemiológica. Indica que muitos surtos estão acontecendo ao mesmo tempo e espalhados por toda parte”. Segundo os autores, no caso da Covid-19, torna-se “evento em escala global”, e “levou menos de três meses para que, no início de 2020, mais de 210 países e territórios confirmassem contaminações com o novo coronavírus”.

⁹ “Até o fim da SE 20 [Semana Epidemiológica], no país havia 233.142 casos, 15.633 óbitos confirmados e 3.240 (58,2%) dos municípios apresentavam pelo menos um caso [...]” (Cavalcante *et al.*, 2020, p. 1).

¹⁰ Conforme dados do Conselho Regional de Enfermagem da Bahia (COREN-BA), em 17 de janeiro de 2021, aplicava-se a primeira dose da vacina contra a Covid-19 no Brasil (Vide: <https://www.coren-ba.gov.br/ha-1-ano-brasil-aplicava-1a-dose-da-vacina-contra-a-covid-19>. Acesso em: 25 fev. 2025).



do vetor inclui aspectos como a “urbanização, o crescimento desordenado da população, o saneamento básico deficitário e os fatores climáticos” (Brasil, s.d., n.p.).

Após a incorporação da vacina contra a dengue, em 21 de dezembro de 2023, no Sistema Único de Saúde (SUS), essa doença passou a ser “classificada como mais uma doença imunoprevenível” (Brasil, s.d., n.p.). Todavia, ainda que haja “vacina contra a dengue, o controle do vetor *Aedes aegypti* é o principal método para a prevenção e controle para a dengue, [...] seja pelo manejo integrado de vetores ou pela prevenção pessoal dentro dos domicílios” (*Idem*).

Para medidas preventivas, basta que sejam eliminados “os criadouros onde as fêmeas do mosquito colocam ovos para reprodução: pratinhos de vasos de plantas, pneus, garrafas destampadas e outros recipientes com água parada” (Brasil, 2002, p. 5). A incidência da dengue¹¹ está, portanto, diretamente associada à falta de saneamento básico no âmbito doméstico das famílias brasileiras, o que demanda educar e conscientizar a população por meio do desenvolvimento de campanhas e da veiculação de textos projetados para esse fim.

Para produzir alusão às doenças problematizadas, as duas cenas do texto-base concentram seus sentidos em alguns itens fundamentais. Na Cena 1 da polaridade direita, tem-se um primeiro personagem, que denominaremos de “cidadão brasileiro”¹²; já na Cena 2 da polaridade esquerda, identificam-se o segundo e o terceiro personagens, que representam o vetor da dengue e a morte personificada, respectivamente.

Assim, enquanto o primeiro personagem enquadra-se na Cena 1 da polaridade direita, que problematiza a Covid-19, o segundo e o terceiro se somam na Cena 2 da polaridade esquerda, problematizando a dengue. Todos eles representam estratégias que o chargista brasileiro utilizou direcionando o texto para um mesmo fim, problematizar a Saúde Pública.

Dessa forma, o caminho inicial da leitura da charge-objeto deve ser percorrido da direita para a esquerda, e não da esquerda para a direita. Esse movimento de leitura, demandado pelo

¹¹ Na época da publicação da charge (ano de 2020) a ser posteriormente analisada, simultaneamente aos casos de Covid-19, constata-se notificações de 574 óbitos pela dengue no Brasil, consoante Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde. Nesse mesmo ano, conforme o Boletim, a taxa de “letalidade registrada entre os casos prováveis de dengue” foi maior em 2020, com 0,06% (Brasil, 2020, p. 3).

¹² Optamos por denominar o primeiro personagem de “cidadão brasileiro” dado o contexto sócio-histórico em que a charge-objeto está inserida. No texto, identificamos a estratégia do chargista brasileiro ao colorir os itens da Cena 1 com as cores da bandeira nacional do Brasil (a calça e a camisa do personagem de cores azul e verde, respectivamente; o recipiente com álcool-gel de cor azul; a toalha de rosto na cor amarelo; e a máscara na cor branco).



texto-base, contrapõe-se à lógica do movimento de leitura convencional na Cultura Ocidental¹³.

O texto chárstico retratado remete sua publicação a 05 de outubro de 2020, no portal *online* do Jornal *MidiaMax*, tendo se espalhado por outros canais de comunicação. Em função de seus aspectos semióticos dignos de investigação, oferecemos, mais adiante, um exercício de análise com base na Semiótica Discursiva, de linha francesa. Antes disso, apresentamos, a seguir, alguns aspectos teórico-metodológicos que subsidiarão a análise nos três níveis do PGS.

3 METODOLOGIA PARA A ANÁLISE DO TEXTO CHÁRGICO

Para o desenvolvimento da análise semiótica neste estudo, investigaremos o texto chárstico percorrendo-o enquanto unidade de sentido. O objetivo é que desvendemos seus sentidos imanentes, considerando que a Semiótica Greimasiana “concebe o seu plano de conteúdo sob a forma de um **percurso gerativo**” (Barros, 2005, p. 13, grifo da autora).

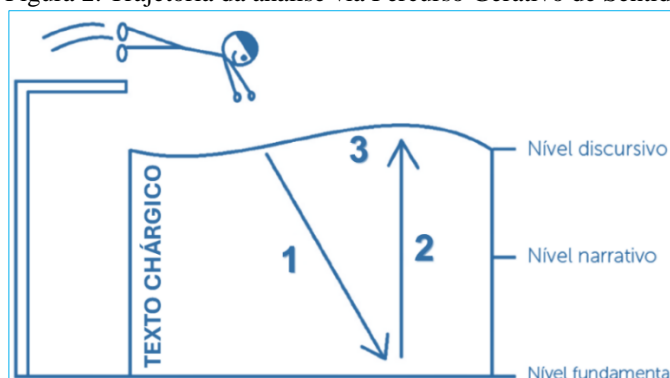
O **percurso gerativo de sentido** é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai **do mais simples ao mais complexo**. No modelo de Greimas, os patamares são três (Fiorin, 2024[1989], p. 20, grifos nossos).

Consoante Guerra Júnior (2018), para procedermos à análise de um texto a partir do PGS, temos que, figurativamente, mergulhar em uma piscina na qual imergiremos até o nível mais profundo e abstrato, passando por um nível intermediário e, sucessivamente, emergindo à superfície, isto é, ao nível mais concreto da manifestação textual. Nesse sentido, observemos a Figura 2.

¹³ O texto chárstico em questão é organizado a partir de uma ordem invertida quando consideramos o padrão de leitura na Cultura Ocidental, já que comumente realizamos a leitura da esquerda para a direita e de cima para baixo. Essa inversão acontece porque a fala produzida pelo personagem da polaridade esquerda (mosquito transmissor) é uma reação elocutiva direcionada ao personagem da polaridade direita (cidadão brasileiro), cuja fala deve ser lida primeiro para que a compreensão do texto seja efetivada em função de sua lógica enunciativa.



Figura 2. Trajetória da análise via Percurso Gerativo de Sentido



Fonte: adaptado de Guerra Júnior, 2018, p. 45.

A partir da ilustração exposta na Figura 2, para analisarmos a charge-objeto deste estudo, partiremos da primeira etapa do PGS, o Nível Fundamental (NF). Nesse primeiro patamar, as estruturas sintático-semânticas do texto chárstico permitirão um percurso da leitura em que a significação surgirá como duas relações semânticas de oposição mínima. Em seguida, a segunda etapa será percorrida no Nível Narrativo (NN), em que as estruturas textuais organizam a narrativa chárstica, partindo-se do ponto de vista de um sujeito (Barros, 2005, p. 13; Guerra Júnior, 2018, p. 45). Por último, caminharemos em um Nível Discursivo (ND), no qual a narrativa chárstica será assumida pelo sujeito da enunciação.

Os três níveis são complementares, possuindo uma gramática autônoma, isto é, uma sintaxe e uma semântica independentes, mas que se unem para construir os sentidos do texto (Barros, 2005, p. 13; Guerra Júnior, 2018, p. 45). Dessa forma, no modelo de análise do texto a partir da Semiótica Discursiva, cada nível do PGS possui uma sintaxe e uma semântica¹⁴. Logo, temos uma sintaxe e uma semântica do NF; uma sintaxe e uma semântica do NN; e uma sintaxe e uma semântica do ND. Nas palavras de Fiorin (2024[1989], p. 21), “a sintaxe dos diferentes níveis do percurso gerativo é de ordem relacional, ou seja, é um conjunto de regras que rege o encadeamento das formas de conteúdo na sucessão do discurso”.

Antes de iniciarmos a análise propriamente dita, reproduzimos a seguir, a partir do *Dicionário de Semiótica*, o Quadro 1, que contém os componentes e subcomponentes do PGS.

¹⁴ Sob a interpretação de Fiorin (2024[1989], p. 21), “a distinção entre sintaxe e semântica não decorre do fato de que uma seja significativa e outra não, mas de que a sintaxe é mais autônoma do que a semântica, na medida em que uma mesma relação sintática pode receber uma variedade imensa de investimentos semânticos”.



A partir da C1, destacaremos dois percursos (P1 e P2) e quatro etapas (E1, E2, E3 e E4), onde a E1 e a E2 constituem o P1, de modo que a E3 e a E4 engendram o P2. Esclarecemos ainda que, nesta análise, a C2 pressupõe a C1; e a C1 implica a C2. Logo, os sentidos inerentes à C2, a partir de sua oposição semântica mínima, justapõem-se em um subnível ainda mais abstrato dos sentidos emergidos em cada etapa de cada percurso. Assim, temos:

$$\boxed{C1 = /doença/ \text{ vs } /saúde/ \Rightarrow C2 = /morte/ \text{ vs } /vida/} \begin{cases} \rightarrow P1 = (E1 + E2) \\ \rightarrow P2 = (E3 + E4) \end{cases}$$

Com base nos elementos apresentados, consideremos que o P1 toma como referência os valores do primeiro personagem (cidadão brasileiro), que ocupa a polaridade direita e a primeira cena. Por outro lado, o P2 parte dos valores do segundo personagem (vetor biológico da dengue), que ocupa a polaridade esquerda e a segunda cena.

Nessa perspectiva, partindo-se do primeiro termo (/saúde/), no P1 temos dois cenários construídos a partir da E1 e da E2, de onde emerge cada um dos termos que constitui a oposição mínima fundamental /doença/ vs /saúde/, bem como a oposição subjacente /morte/ vs /vida/. Na E1, a doença aludida (Covid-19) torna-se improvável, uma vez que há uma demonstração do autocuidado concernente à sua prevenção. Na E2, outra doença entra em cena (a dengue), ao passo que se efetiva um contraponto em relação à fala do personagem da Cena 1, já que os procedimentos de prevenção para as duas doenças são distintos.

Na E1, o termo /saúde/ é revestido de valor positivo, isto é, eufórico. Isso porque “Lavar as mãos”, usar “máscara” e passar “álcool gel” são procedimentos que previnem o contato com o coronavírus, evitando, assim, que o personagem cidadão brasileiro desenvolva a Covid-19. O primeiro personagem fica, portanto, protegido, preservando sua vida.

Já na E2, sobre o termo /doença/ recai um valor negativo, ou disfórico, porquanto o personagem cidadão brasileiro “Esqueceu de cuidar do quintal”. Isso é enunciado pelo segundo personagem (vetor da dengue) e significa que o personagem da polaridade direita lembrou-se de se prevenir de uma doença nova no cenário mundial (a Covid-19), porém esqueceu uma doença mais antiga (a dengue), que se mantém como risco à saúde no contexto nacional. A dengue representa, pois, um risco à saúde do primeiro personagem na E2, aproximando-o disforicamente dessa doença e, em um nível mais abstrato, sintonizando-o com o risco de morte que ela oferece.



Sob um olhar inverso, temos um outro caminho de construção dos sentidos do texto-base, correspondente ao P2. Esse segundo percurso toma como ponto de partida os valores do segundo personagem (mosquito transmissor), invertendo, na E3 e na E4, a qualidade dos termos /doença/ e /saúde/, assim como dos termos subjacentes /morte/ e /vida/.

Sob o viés da E3, o termo /saúde/ é revestido de valor negativo ou disfórico, visto que, cuidar do quintal se tornaria uma ameaça para o instinto biológico do inseto, que é proliferar-se. Por conseguinte, tendo esse personagem como referência, afirmar a /saúde/ demandaria a limpeza do quintal (evento descartado pelos sentidos do texto), o que significaria pôr em xeque a natureza do vetor. Afirmer a /saúde/ seria também preservar a /vida/ e, em um nível mais abstrato, distanciar-se do risco da /morte/. Por isso, valorando-se o vetor, a /saúde/ e a /vida/ tornam-se disfóricas.

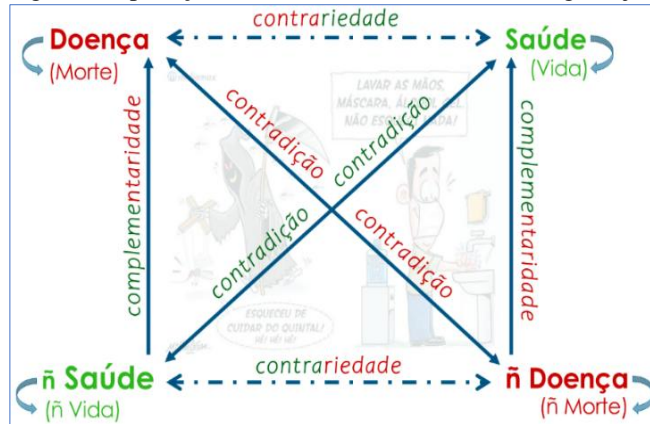
Sobre o termo /doença/, na E4, identificamos um valor positivo, ou seja, eufórico, visto que a proliferação do *Aedes aegypti* colabora para a afirmação da /doença/ epidêmica (dengue). Nesse contexto, compreender a euforia associada à doença epidêmica, nesta última etapa, é reconhecer a função biológica do vetor.

Na última etapa (E4) do P2, é possível compreendermos o alto teor de criticidade do texto chágico analisado, como também o caráter sarcástico na fala do personagem vetor, o que o caracteriza como uma espécie de vilão da narrativa chágica. Na verdade, todavia, recebe o comando de um vilão ainda mais temido que o manipula, a morte personificada. Nesse sentido, lidar com um problema de saúde pública novo acaba distanciando o cidadão brasileiro de antigas preocupações e velhos problemas.

Diante do exposto nas quatro etapas dos dois percursos, aplicamos o Quadrado Semiótico no texto chágico analisado, conforme a Figura 2 a seguir.



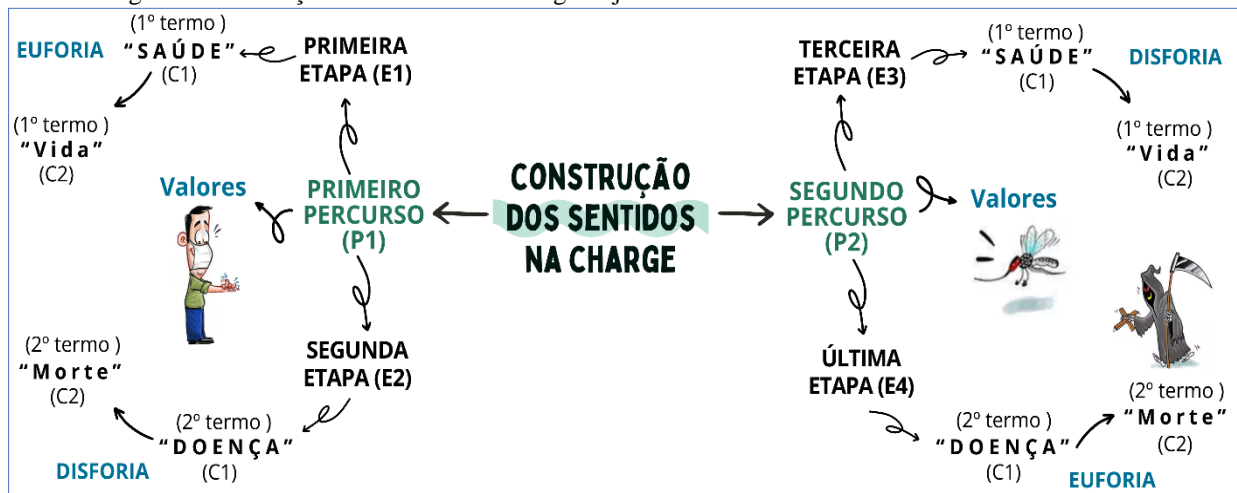
Figura 3. Aplicação do Quadrado Semiótico na charge-objeto



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Com base nos percursos (P1 e P2) descritos a partir das etapas (E1, E2, E3 e E4) do NF, elaboramos a Figura 4. Com a ilustração, pretendemos facilitar ainda mais a compreensão da análise e possibilitarmos o retorno ao raciocínio desenvolvido nesta primeira etapa do PGS.

Figura 4. Construção dos sentidos da charge-objeto no Nível Fundamental do Percurso Gerativo



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

3.1.2 Análise dos sentidos do texto chárstico no Nível Narrativo

Nesta segunda fase do PGS, denominaremos de sujeitos os três personagens da narrativa chárstica. Para tanto, o personagem cidadão brasileiro, que aparece na Cena 1 da polaridade direita, passa a ser o Sujeito 1 (S1); o vetor da dengue, destacado na Cena 2 da polaridade



esquerda, será o Sujeito 2 (S2); e a morte personificada, que aparece na mesma polaridade do S2, será tratada como Sujeito 3 (S3).

A partir de agora, preocuparemos-nos em compreender como acontece a relação entre os sujeitos e seus objetos de valor. Nesse sentido, enquanto para o S1 o objeto-valor, ou seja, o que ele deseja, é a prevenção da doença Covid-19, para o S2 o objeto-valor é a sua própria proliferação, ao passo que, para o S3, o objeto-valor é a ação letal do S2.

Inicialmente, constata-se que o S1, enquanto cidadão consciente, deseja se prevenir contra a doença pandêmica. Para alcançar seu objeto-valor (a prevenção da Covid-19), esse sujeito executa uma *performance* associada ao autocuidado. Essa *performance* inclui alguns procedimentos de higiene pessoal, convencionalmente recomendados pelos órgãos oficiais de saúde pública do país: “lavar as mãos”, usar “máscara” e se higienizar com “álcool gel”.

Desse modo, a narratividade instaurada no texto chárstico pressupõe um estado inicial, que não aparece no texto, mas é deduzível: a não realização dos procedimentos de auto-higiene pelo S1. Caso esse sujeito saísse de casa sem realizar tais procedimentos, ele estaria desprevenido do coronavírus. No entanto, ao “lavar as mãos”, usar adequadamente a “máscara” e se higienizar com “álcool gel”, o S1 transforma seu estado inicial de desprevenido para o estado posterior de prevenido. Logo, essa primeira transformação implica uma primeira relação de enunciados elementares, conforme o esquema subseqüente:

$$S1_{(\text{Cidadão brasileiro})} \cup OV_{(\text{Prevenção da doença pandêmica})} \Rightarrow S1_{(\text{Cidadão brasileiro})} \cap OV_{(\text{Prevenção da doença pandêmica})}$$

Partindo da primeira cena, o S1 assume a função de sujeito de estado, mas também de sujeito do fazer/operador, uma vez que o contexto pandêmico o impele a agir. No primeiro caso, ele encontra-se em estado de disjunção com o seu objeto-valor (a prevenção da Covid-19), de tal modo que esse estado anterior é transformado devido à ação desse sujeito ao realizar os procedimentos inerentes à prevenção da Covid-19. É dessa forma que a primeira relação entre o sujeito do fazer/operador e o seu objeto aparece na charge, de um estado anterior de não prevenido para o estado de prevenido, efetivando a conjunção do S1 com seu objeto-valor.

O objeto-valor “prevenção da doença pandêmica” só poderia ser alcançado se a *performance* do autocuidado e higiene pessoal fosse executada, tendo em vista a recomendação do Ministério da Saúde frente ao combate do denominado novo coronavírus. Neste caso, o S1



demonstra-se competente para realizar a ação preventiva (*performance*) em si mesmo. O S1 opera, portanto, por si e em função dos outros, da coletividade, a partir de uma postura autoconsciente.

Constata-se, dessa forma, que o S1 operou a primeira *performance* da charge-objeto. Logo, ele é responsável pela primeira transformação narrativa do texto analisado, de modo que uma possível sansão não é atribuída a outro sujeito, mas a ele mesmo, através de um exercício autoafirmativo e autoconsciente: “Não esqueci nada!”. Nesse caso, não há prêmio ou castigo senão a própria conquista de um estado posterior de prevenção.

Por outro ângulo, o objeto-valor do S2, isto é, o que ele deseja, é sua própria proliferação, fenômeno que honra sua natureza biológica de inseto vetor de uma doença que pode levar à morte. Não obstante, esse segundo sujeito não age por si só, uma vez que recebe figurativamente a ação manipuladora do S3, que, por sua vez, tem como objeto-valor a ação letal do S2.

O S3, exercendo a função de destinador/manipulador em um nível textual-narrativo, aproveita-se da natureza do S2, cuja letalidade aumenta com sua proliferação, e o manipula a fim de provocar a contaminação do quintal do S1. Neste caso, a ação do sujeito manipulador só pode se dar por sedução, uma vez que seu objeto-valor, para ser alcançado, depende da proliferação do vetor e, por conseguinte, de sua ação letal sobre uma eventual vítima. Portanto, o S3 exalta, por sedução, o potencial de letalidade que o vetor oferece.

Dessa forma, funcionando como uma espécie de marionetista, o S3 valoriza positivamente a competência do S2, cuja *performance* só é possível no campo não verbal da charge-objeto. Dito isso, verifica-se a multiplicação do mosquito transmissor por meio dos desenhos desse inseto na Cena 2. O sujeito manipulado (S2) move-se por um dever-fazer imbricado à sua natureza de proliferar-se. Quanto mais ele se multiplica, mais letal ele se torna. Portanto, não realizar a *performance* de se reproduzir e transmitir a dengue, sob manipulação sedutora do S3, seria negar sua própria natureza.

Diante disso, destacam-se os enunciados elementares instaurados pelo S2. Aqui, consideramos um estado anterior que fica implícito, em que não havia manifestação do mosquito no quintal do S1. Entretanto, com o esquecimento do S1 em não cuidar do seu ambiente doméstico, o vetor entra em um estado posterior, marcado por sua autoproliferação.

$$\boxed{S_2_{(\text{Vetor da dengue})} \cup O_V_{(\text{Autoproliferação})}} \Rightarrow \boxed{S_2_{(\text{Vetor da dengue})} \cap O_V_{(\text{Autoproliferação})}}$$



Os enunciados elementares demonstram que o S2 sai de um estado anterior, inferível pelo contexto, e entra em um estado posterior. Neste, o S2 encontra-se em conjunção com seu objeto-valor, já que conseguiu se proliferar; naquele anterior, uma vez que ainda não tinha infectado o quintal, ele estaria em disjunção com seu objeto.

No texto-base, não se pode identificar que houve sanção como resultado da *performance* do S2 em relação ao desejo ou objeto-valor do S3. Identifica-se, porém, a transformação ocorrida em detrimento da proliferação do vetor, mas não se pode extrair, senão a nível de suposição contextual, que houve morte decorrente da ação letal do mosquito fêmea do *Aedes aegypti*.

Além da função de sujeito manipulado, o S2 também exerce a função de sujeito julgador. Nessa perspectiva, ele realiza uma sanção investida de um juízo de valor, que é remetido à *performance* do S1. Ao reconhecer a boa conduta de si mesmo frente à prevenção da Covid-19, o S1, por outro lado, esquece a importância de cuidar do quintal como prevenção da outra doença, a dengue. Nesse instante, o S2 lança a sanção ao S1, reprovando sarcasticamente o lado oposto da conduta do sujeito cidadão brasileiro (“Esqueceu de cuidar do quintal! Hê! Hê! Hê!”).

Diante disso, em relação aos enunciados elementares instaurados pelo S3, só podemos afirmar o seguinte:

$$S_3_{\text{(Morte personificada)}} \cup O_V_{\text{(Ação letal do Vetor)}}$$

Nesse contexto, o S3 encontra-se em disjunção com seu objeto-valor. Isso porque, embora sua ação manipuladora sobre o S2 tenha alcançado êxito, o S3 entraria em conjunção com seu objeto-valor (a ação letal do *Aedes aegypti*) apenas se considerarmos um sentido inferível que nos remete ao futuro não produzido pelo tempo presente da narrativa chárstica. Sob essa ótica, o leitor-destinatário da charge-objeto entraria em um plano de suposições, em que faz todo sentido dizer que o não cuidado com o quintal e a consequente proliferação do S2 podem favorecer casos de dengue, o que, a depender da gravidade, pode levar à morte.



3.1.2 Análise dos sentidos do texto chágico no Nível Discursivo

Nesta última fase da análise do PGS, partimos de um viés discursivo que concebe o texto chágico enquanto objeto produzido pelo sujeito da enunciação. Trata-se de um texto no qual a linguagem sincrética é posta em funcionamento, sem perder de vista o caráter sócio-histórico do objeto analisado. Neste último nível, a charge-objeto é concebida, portanto, não apenas como produto de um enunciador, mas também como objeto de comunicação entre um destinador (chargista) e um público-destinatário (cidadãos brasileiros).

De modo geral, ao se apropriar de recursos da linguagem sincrética (expressões verbal e não verbal), a charge-objeto ancora-se no discurso da Saúde Pública, enfatizando procedimentos de prevenção distintos quanto ao enfrentamento de duas doenças que afetam o cenário nacional brasileiro. Para tanto, o sujeito chargista projeta duas cenas¹⁶ no enunciado, assumindo um discurso potencialmente persuasivo e conscientizador.

As categorias de pessoa, espaço e tempo são projetadas nas cenas enunciativas de maneiras distintas. Na cena enunciativa da polaridade direita, os sentidos são construídos por meio de uma debreagem enunciativa, com uso da forma verbal em 1ª pessoa (“[Eu] Não **esqueci** nada!”), em um tempo (pretérito perfeito) diferente do *agora* da enunciação, e em um espaço que referencia um compartimento específico do ambiente doméstico (o banheiro), o que confere certa familiaridade ao discurso. Desse modo, o chargista-destinador cria um primeiro actante, instalando um *eu* no enunciado, que gera o efeito de ilusão de subjetividade e proximidade.

Já na cena enunciativa da polaridade esquerda, a construção de sentidos se dá através de uma debreagem enunciativa, com a utilização da 2ª pessoa e forma verbal (“[Você] **Esqueceu** de cuidar do quintal”) em um tempo (pretérito perfeito) distinto do *agora* da enunciação, e em espaço inserido no ambiente externo (quintal) próximo àquele representado na cena anterior. Isso posto, o chargista-destinador projeta um segundo actante no texto chágico, instalando um *ele* que se refere a um *tu* e que gera o efeito de ilusão de objetividade e distanciamento.

Na mesma cena, o terceiro actante, que representa a morte por meio de uma personificação, não produz enunciado de expressão linguística. Contudo, adquire papel

¹⁶ Nos níveis anteriores, referimo-nos a essas cenas como cena da polaridade direita (Cena 1) e cena da polaridade esquerda (Cena 2). Trataremos, neste nível, da cena enunciativa da polaridade direita e cena enunciativa da polaridade esquerda, sendo que as duas cenas se somam para constituir a cena enunciativa integral do texto analisado.



persuasivo relevante, uma vez que intensifica o alerta para o perigo que é esquecer de cuidar do quintal.

As duas cenas enunciativas estão revestidas de efeitos de anterioridade em relação ao tempo *agora* da enunciação. Isso se constata através dos elementos linguísticos de flexão das duas formas verbais que se instalam nos enunciados. Na cena enunciativa da polaridade direita: a forma verbal “esqueci”; e na cena enunciativa da polaridade esquerda: “esqueceu”.

No entanto, a cena enunciativa da polaridade direita, embora explore o tempo pretérito perfeito em seu enunciado linguístico, cria efeito de proximidade temporal (uma quase concomitância) em relação às ações de prevenção que são executadas pelo sujeito cidadão brasileiro. Isso se verifica uma vez que esse ator, ao passo que realiza cada procedimento de prevenção, também afirma para si mesmo cada ação executada.

Na sintaxe do ND, os aspectos de actorialização, temporalização e espacialização colaboram para imprimir um efeito de “referencialização” no texto chárstico analisado, conferindo-lhe uma ilusão de verdade ao dialogar com o mundo real. Assim, ao discursivizar os actantes, o tempo e o espaço, o chargista-enunciador ilustra um cidadão comum, um ser biológico transmissor de doença, a representação da morte, um tempo passado que permite a avaliação de atitudes, a primeira positivamente realizada e a segunda negativamente não realizada, bem como um ambiente que referencia o mundo natural ao qual o chargista e seu produto enunciativo se inserem.

Na semântica discursiva do texto-base, os sentidos são concretizados por meio da tematização da doença pandêmica (Covid-19) e da doença epidêmica (dengue), o que gera o efeito de problematização da Saúde Pública. Se, por um lado, a tematização da primeira doença referencia a atitude preventiva do cidadão brasileiro (e isso se dá por meio da figurativização das mãos sendo lavadas, do uso da máscara e do álcool-gel), por outro lado se referencia a proliferação do vetor *Aedes aegypti* (verificada por meio da figurativização dos mosquitos se multiplicando).

As realidades física, ambiental e biológica são referenciadas no texto analisado, aproximando-o do mundo real e estabelecendo uma espécie de contrato de veridicção do discurso entre o chargista-enunciador e o leitor-enunciatário. Nesse contexto, tanto o discurso gerado a respeito da doença pandêmica quanto o discurso produzido em relação à doença epidêmica assumem um caráter verdadeiro, como resultado das estratégias mobilizadas pelo chargista-



destinador para convencer/persuadir o leitor-destinatário, no sentido de conscientizá-lo sobre a importância de cuidar, concomitantemente, de novos e persistentes problemas que afetam a sociedade brasileira no domínio da Saúde Pública.

4 CONCLUSÃO

Apresentados na forma deste artigo, os resultados do estudo possibilitaram-nos a compreensão de um texto potencialmente sincrético e capaz de desencadear inúmeras reflexões. Por ora, guiamo-nos à luz da Semiótica Discursiva, elucidando os procedimentos sintático-semânticos utilizados pelo chargista-destinador, a fim de persuadir um público-destinatário, conscientizando-o a respeito de dois problemas de saúde pública.

De modo distinto de alguns textos publicitários, cujo objetivo projeta-se na manipulação de um leitor-consumidor, o texto aqui analisado assume uma função eticamente conscientizadora, ao problematizar atitudes humanas frente a dois problemas que assolam, até hoje, a saúde coletiva na sociedade brasileira. Nesse sentido, o objeto analisado reveste-se de um caráter educativo, de tal modo que a sua leitura pressupõe a leitura do mundo social.

Os fundamentos semióticos, de linha francesa, aplicados nas análises dos três níveis geradores de sentido, muito revelaram acerca do que o texto chárstico diz e como ele faz para dizer o que diz. Nessa perspectiva, a partir de um passo a passo teórico-metodológico, alcançamos nosso objetivo primordial, desvendando a construção de sentidos no texto-base, à luz da Semiótica Discursiva.

Ainda que os estudos semióticos não nos ofereçam, por enquanto, base teórico-metodológica suficiente para a noção e análise de gêneros, alcançamos o primeiro objetivo específico, compreendendo o texto chárstico à luz da Semiótica Discursiva. Para isso, o Percorso Gerativo de Sentido ofereceu-nos base suficiente para atingirmos o segundo objetivo, subsidiando-nos à categorização dos sentidos do texto-base por meio da análise dos percursos previstos nos três patamares, conforme o terceiro objetivo específico traçado neste estudo.

Apresentamos, em primeiro momento, a identificação das oposições semânticas mínimas (/doença/ vs /saúde/; /morte/ vs /vida/), imanentes no plano de conteúdo do texto analisado. Na mesma dimensão do conteúdo, deparamo-nos com três sujeitos referencializados, capazes de instaurar pontos de vista distintos a respeito da problemática discursivizada. Trata-se de uma



disputa arraigada pela verdade, que instaura no leitor-destinatário a necessidade do posicionamento e da postura autorreflexiva, submetendo-o ao olhar do “outro” (humano e inseto), uma vez que a verdade fundada pelo texto não é universal, mas sim contextual e ideológica.

Destacamos, ainda, que algumas relações de sentido não são possíveis na charge analisada. Não há possibilidade, por exemplo, de o personagem vetor negar ou zombar da atitude do personagem cidadão brasileiro, se tomarmos como referência a prevenção da Covid-19, até porque aquele personagem estaria fora do seu contexto biológico de existência. Por outro lado, não há possibilidade de o humano representado contradizer o mosquito transmissor em relação à dengue, sob pena de cumprir um falso discurso aludido por uma negligente atitude antiética.

Diante disso, algumas verdades produzidas pelo texto são incontestáveis, uma vez que o objeto textual analisado não parte do nada para dizer o que diz. Pelo contrário, ele é produzido obedecendo a uma lógica de expressão sincrética que se interliga ao contexto sócio-histórico contemporâneo ao seu produtor.

Por isso, pode-se dizer que, apesar de se sustentar em uma estrutura fictícia de referencialização da realidade, o texto em questão insere-se em uma lógica de verossimilhança, de reprodução e diálogo com a realidade. Disso se fundamenta o seu alto teor crítico e a sua inegociável relevância enquanto produto educativo de conscientização social.

A análise semiótica ora apresentada, apesar de oferecer uma contribuição significativa para a compreensão do texto chárstico como unidade de sentido, não impõe significados absolutos para o objeto. Contrariamente, assume-se a necessidade de novas leituras, sejam elas subsidiadas por futuras análises semióticas, seja por outras vertentes que adotam, por exemplo, a noção de multimodalidade e de gêneros, textuais ou discursivos, para analisar tanto processos de significação, quanto discursos que devem ser desvelados para uma compreensão crítica da sociedade contemporânea a partir da qual os textos se fundamentam.



REFERÊNCIAS

BARROS, D. L. P. de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Parma Ltda., 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. **A sociedade contra a Dengue**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

_____. Ministério da Saúde. **Covid-19**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/covid-19>. Acesso em: 15 fev. 2025.

_____. Ministério da Saúde. **Dengue**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/dengue>. Acesso em: 15 fev. 2025.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2022>. Acesso em: 15 fev. 2025.

CARDOSO, E. C. A charge em perspectiva semiolinguística: quadrinhos traduzindo o acontecimento midiático. In: **JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**. nº 5, 2018, São Paulo. Anais. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 2018, n.p.

CAVALCANTE, J. R. *et al.* **COVID-19 no Brasil**: evolução da epidemia até a semana epidemiológica 20 de 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/zNVktw4hcW4kpQPM5RrsqXz/?lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2025.

FIORIN, J. L. A noção de texto na semiótica. **Organon**, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 165-176, 1995.

_____. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2024[1989].

GUERRA JÚNIOR, A. L. Análise Semiótica de textos. In: SILVEIRA, A. P. P. da; GUERRA JÚNIOR, A. L. **Semiótica**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018, p. 38-69.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2021[1979].

MATIAS, A. F.; MAIA, J. V. A história da charge e seu uso no pós-64. In: **ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**, nº 13, 2014, Fortaleza; **ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO**, nº 3, 2014, Fortaleza; **SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E GEOEDUCACIONAIS**, nº 3, 2014, Fortaleza. Anais. Fortaleza: UFC, 2014, p. 1013-1025.

MATTA, G. C. *et al.* A Covid-19 no Brasil e as Várias Faces da Pandemia: apresentação. **SciELO Books**, Rio de Janeiro, *on-line*, 2021, p. 15-24.



NERY, L. **Charge**: cartilha do mundo imediato. Disponível em: <https://catedravieira-ic.letas.puc-rio.br/obra/122/charge-cartilha-do-mundo-imediato>. Acesso em: 10 fev. 2025.

PORTELA, J. C.; SCHWARTZMANN, M. N. A noção de gênero em Semiótica. *In*: PORTELA, J. C. *et al.* (Orgs.). **Semiótica**: identidade e diálogos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística**: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo. Maringá: Eduem, 2000.

SILVEIRA, A. P. P. da. Semióticas sincréticas. *In*: SILVEIRA, A. P. P. da; GUERRA JÚNIOR, A. L. **Semiótica**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018.